

## **O FAMIGERADO JMB: INTERTEXTUALIDADES, CONFRONTOS E INTERAÇÕES NA VERSÃO LITERÁRIA DA ARTE EXPERIMENTAL DE JOMARD MUNIZ DE BRITO.**

*Agostinho Rodrigues Torres (Bolsista PIBIC/CNPq), Edwar de Alencar Castelo Branco (Orientador, Depto de Geografia e História /UFPI)*

### **Introdução**

A maioria dos estudos acadêmicos existentes sobre Jomard Muniz de Britto tem como principal tema sua filmografia “marginal”. A literatura de Jomard, uma visão periférica, profícua e respeitável fonte de crítica à cultura brasileira dos anos 60 e 70, vêm sendo usada em grande parte das pesquisas apenas como suporte explicativo dos filmes. Podemos dizer que de modo unilateral os estudos sobre seus filmes têm atrelado o material escrito, no entanto com o foco se mantendo no áudio-visual, não ocorrendo portanto o estudo pormenorizado do conteúdo dos livros em si.

### **Metodologia**

Tendo em vista essa tendência, esta pesquisa propôs estudar especificamente a literatura jomardiana, para só assim poder posicioná-la no panorama intelectual brasileiro da época e igualmente possibilitar o uso mais competente de suas reflexões teóricas na elucidação de sua produção fílmica.

A pesquisa foi delimitada temporalmente aos anos 60, período no qual Jomard lançou dois livros exploratórios sobre a cultura brasileira, tentando se posicionar no cenário intelectual e construir uma visão particular do desenvolvimento da cultura nacional. Ainda nesse período foram difundidos alguns manifestos tropicalistas, movimento ao qual Jomard se inseriu ativamente no final dos anos 60.

A metodologia consistiu na análise minuciosa dos livros *Contradições do homem brasileiro* e *Do Modernismo à Bossa Nova* e dos manifestos tropicalistas *Porque somos e não somos tropicalistas* e *O inventário do nosso feudalismo cultural*. O intuito foi me familiarizar com o objeto de pesquisa, sondar as temáticas centrais da obra e redigir textos em cima dos dados recolhidos.

### **Resultados e Discussão**

Nesta exploração da obra através de fichamentos notei a presença de duas questões, que em entre várias outras, permeavam permanentemente as oscilações teóricas de Jomard: o que é cultura brasileira e como ela deve ser no futuro? Questões, vale ressaltar, saídas da cabeça de um Pernambucano formado em filosofia, distante do eixo cultural oficial do estado que é sulista, ansiando por participação no efervescente meio intelectual recifense.

A resposta à pergunta acabou sendo a formulação de um conceito maleável de *contradição* que está presente em todos os seus trabalhos. Ao longo do tempo Jomard foi experimentando várias facetas dessa contradição, como a Educação Nova e a revolução social do Brasil em *Contradições do Homem Brasileiro*; a contradição dos projetos conflitantes da arte moderna e a emergência de uma

nova subjetividade pop industrial presente em *Do Modernismo à Bossa Nova*; até finalmente chegar ao tropicalismo, quando Jomard abandona a posição de teórico e filósofo para participar efetivamente como artífice.

Em *Contradições do Homem Brasileiro* Jomard faz a reavaliação crítica do desenvolvimento cultural brasileiro e redireciona o foco do momento histórico para a emergência da Educação Nova, uma perspectiva de educação pautada na cultura de emancipação crítica. Neste primeiro livro Jomard está sempre mencionando sua participação em projetos de educação ligados a Paulo Freire e fazendo referência à esquerda marxista radical, falando mesmo de revolução das massas. O conceito de contradição é uma chave de leitura interessante, pois segundo Jomard, apenas compreendendo as próprias contradições culturais o brasileiro poderá reformular as idéias que tem de si mesmo e se tornar um novo indivíduo, consciente e revolucionário. No meio de suas formulações percebi, de forma dispersa, sementes daquilo que Jomard desenvolveria melhor nos livros posteriores. Como afirmar que Educação Nova, Cinema Novo e Bossa Nova “nos conduz a reformular posições antagônicas – cultura popular e cultura erudita – e superar o conceito de educação pura e pobremente formal” (BRITTO: 1964, p.98-99).

Em *Do Modernismo à Bossa Nova* Jomard mantém os questionamentos do primeiro livro, porém abandona o vislumbre de um projeto de revolução social aos moldes da esquerda ortodoxa. Ele passa a refletir sobre a presença do político na arte e estética. Através de longas ponderações ele livra a arte de um compromisso estreito e unilateral com a política, realizando a reformulação conceitual de sua compreensão de política, o que o faz considerar a dissidência estética tão importante quanto a ação revolucionária.

O vislumbamento de Jomard por esta questão se dá quando ele estuda intimamente os modernistas brasileiros, encontrando neles as mesmas dúvidas que a arte de seu presente ainda tem que enfrentar. Se em *Contradições* ele considerava que a arte era uma maneira de romper os discursos do opressor, neste livro ele vê a arte em si mesma como um agente prático de mudança social, sendo a estética sua principal ferramenta de combate. *Do Modernismo à Bossa Nova* em sua totalidade é construído através do que Jomard nomeia de *método da contradição*, ou seja, da análise dos contrastes da cultura brasileira em uma situação-momento específica

A Bossa Nova, para Jomard, teria sido um estilo musical que inovou, acrescentando em seu repertório a mistura de jazz com ritmos africanos. Ignorando a oposição entre música nacional e estrangeira ela superou a dicotomia infrutífera entre cultura local e estrangeira, e isso só foi possível pela influência dos artistas modernistas.

Nestes dois livros que comentamos Jomard está em busca da construção de suas concepções de arte, política e modernidade através do estudo analítico do desenvolvimento da cultura brasileira até o momento presente. Fazendo o papel de filósofo ele se mantém relativamente científico, envolvido, mas apenas como um observador do passado intelectual. Sua inserção no tropicalismo modificaria isso, Jomard passaria a transformar suas formulações teóricas em práticas, a contradição seria não mais um conceito e sim uma corporificação dos contrastes culturais e intelectuais brasileiros.

No começo de 68 em parceria com alguns amigos Jomard lança dois manifestos nos jornais

recifenses, são eles: *Porque somos e não somos tropicalistas* e *O inventário do nosso feudalismo cultural* (este último assinado até por Caetano Veloso e Gil, o que os legitimou enquanto “tropicalistas pernambucanos oficiais” diante dos intelectuais locais). Nos dois há críticas diretas contra os tradicionalismos reinantes em Pernambuco, onde o ambiente cultural é dominado pela arte armorial de Suassuna e seu círculo de contatos. Nomeando a si e seus amigos de tropicalistas, Jomard exortava contra os “tropicanelhas”, que são os sanguessugas intelectuais tradicionalistas representados pela arte armorial. A polêmica era justificada pelo desejo de descentralização da primazia de declaração da “arte verdadeiramente brasileira” por parte dos tropicalistas, contra a busca tradicionalista de uma identidade única, estática e supostamente puramente brasileira.

### **Conclusão**

Nos anos 60 Jomard reformulou diversas vezes seus conceitos sobre arte e política, porém em todos a noção de contradição estava presente. As contradições da modernidade, da cultura brasileira, da realidade, da arte e da estética estão sempre presentes em algum nível, pois este era o núcleo de onde partia suas reflexões, mesmo que obtendo idéias diferentes.

Quanto ao tropicalismo, Jomard já tinha formulado idéias bem próximas. Sua espontaneidade de adesão se deu exatamente por identificar no tropicalismo um movimento que havia chegado à mesma compreensão de suas obras, a compreensão da contradição como principal característica da cultura brasileira.

### **Referências**

AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984.

BRITTO, Jomard Muniz de. *Contradições do homem brasileiro*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1964.

BRITTO, Jomard Muniz de. *Do Modernismo à Bossa Nova*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

BRITTO, Jomard Muniz de. *Bordel BRASILírico Bordel*. Recife: Comunicarte, 1992.

MARCUSE, Herbert. *Contra-revolução e revolta*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

CASTELO BRANCO, E. de A.; SILVA, Roniel Sampaio. *Recinfernália: sabotagens simbólicas na filmografia superoitoista de Jomard Muniz de Britto*. In: *História Cinema e outras imagens juvenis*. Teresina: EDUFPI, 2009.

E a esquerda perguntava: tropicalismo ou palhaçada? Em <[http://www2.uol.com.br/JC/\\_1999/80anos/80c\\_24.htm](http://www2.uol.com.br/JC/_1999/80anos/80c_24.htm)>. Acesso em: 14 jan. 2012.

Entrevistas/1968 - JOMARD MUNIZ DE BRITO: Economia política x economia libidinal. Disponível em <<http://www.interblogs.com.br/marceloabreu/post.kmf?cod=7391925>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

CAMUS, Albert. *O mito de sísifo: ensaio sobre o absurdo*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

DIDIER, Maria Thereza. *Emblemas da sagração armorial: Ariano Suassuna e o movimento armorial 1970/76*. Recife: Editora Universitária/UFPE, 2000.

ÁREA: CV ( ) CHSA ( ) ECET ( )

ROCHA, Glauber. Cartas ao mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

**Palavras-chave:** Modernidade. Cultura Brasileira. Experimentalismo Pernambucano.